

Euclides da Cunha, Rodolfo Teófilo e o debate sobre a migração cearense para a Amazônia¹

Bruno de Brito Damasceno²

Resumo: O presente trabalho visa analisar a migração cearense para a Amazônia a partir da produção literária de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo. Pensar sobre a migração cearense por meio da produção intelectual destes escritores configura-se numa possibilidade de estabelecer paralelos entre as experiências sociais destes indivíduos, permitindo pensar a emergência do *locus social* e de como articularam um conjunto de idéias que circulavam em fins do século XIX. A problemática de trabalho procura dar conta das percepções em conflito, entre fins do século XIX e início do século XX, sobre a migração cearense, que podem qualificadas numa dicotomia entre prisão-liberdade, sendo que esta disputa procuraria expressar as conseqüências da migração para os indivíduos envolvidos.

Palavras-chave: Euclides, Teófilo, literatura, migração, Amazônia.

Resumé: Le present travaille vise analyser la migration de cearenses pour l'Amazonie dans la production literarie de Euclides da Cunha et Rodolfo Teófilo. Penser sùr la migration cearense a partir de la production intellectuelle de ces auteurs s'est configurée comme une chance d'établir des parallèles entre les expériences sociales de ces personnes, en réfléchissant sur l'émergence du *locus social* et comme un ensemble articulé d'idées qui circulaient dans la fin du XIXème siècle. La question du travail tente de faire face à des perceptions contradictoires entre le fin du XIXe siècle et au début XXe siècle, sur les migrations de cearense, qui ont pu qualificier d'une dichotomie entre prison-liberté, et que ce différend serait cherchent à exprimer les conséquences de la migration pour personnes concernées.

Mots-clés: Euclides, Teófilo, literature, migration, Amazonie.

Euclides da Cunha, Rodolfo Teófilo et le débat sur la migration des cearenses pour l'Amazonie

¹ Versão modificada do trabalho “Euclides da Cunha, Rodolfo Teófilo e a migração cearense para a Amazônia” apresentado na VIII Semana de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, maio de 2011.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará. Email: brunobdamasceno@gmail.com

Introdução

Migração é ruptura, fratura, deslocamento. O indivíduo inserido neste processo submete-se a uma ordem tal de estranhamentos (espacial e cultural), que chega, inclusive, a questionar aqueles elementos que identificam o seu eu. Nas palavras de Sayad (1998) o migrante, seja no seu local de saída, seja no seu local de chegada, torna-se um sujeito híbrido, que necessita adaptar-se cognitivamente e ressignificar simbolicamente os caracteres de sua formação dentro de uma nova lógica cultural, sofrendo as conseqüências por essa sua posição de fronteira.

Imagine esta problemática inserida nos debates promovidos no século XIX em torno do estabelecimento da identidade nacional e suas congêneres locais. Sendo o entendimento comum à época que o pertencer estava condicionado a territorialidade do Estado (HOBBSAWM, 1990), como pensar a definição de homens nascidos em um e vivendo em outro? E de que modo analisar as repercussões dos deslocamentos na dinâmica social local?

Todavia, não se pode esquecer que o ato de migrar sempre se apresentou como uma atitude ativa da busca de melhores condições de existência. Fugir de um governo opressor ou procurar oportunidades de renda representa modificar ligações com uma lógica que já não faz sentido ao indivíduo, que enxerga no outro lugar a possibilidade de atendimento de suas expectativas. Então, como tal condição apresentou-se com relação aos cearenses que se lançaram a Amazônia? Qual a postura do Estado e da sociedade com relação a isso? E, principalmente, sob quais condições os intelectuais interpretavam esse fenômeno?

Euclides e Teófilo: a produção sobre a Amazônia

Para o presente exercício reflexivo sobre a migração cearense para a Amazônia utilizamo-nos da produção literária de Euclides da Cunha (1866-1909) e Rodolfo Teófilo (1853-1932).

Rodolfo Teófilo, baiano, farmacêutico, historiador, literato, explora o tema da migração cearense para a Amazônia como questão central no romance **O Paroara** (primeira edição em 1899). O mesmo conta a história de João das Neves, homem pobre do interior do Ceará dos anos finais do século XIX, que após a perda de sua lavoura durante a seca, parte

para a Amazônia para trabalhar na extração do látex. A narrativa é organizada em terceira pessoa, e esse caminho permite ao autor operacionalizar seu objetivo literário: promover uma denúncia das arbitrariedades realizadas pelo governo do Estado com relação à população local, levando-os a realizar a migração para a região amazônica. Nesse sentido, a proposta do romance coaduna-se com a estética Realista/ Naturalista, na medida em que tenta explicitar uma ligação visceral com a realidade, apresentando-se, para tanto, como testemunha da vivência dos sujeitos históricos no cotidiano. Para além da alegorização, os personagens seriam o resultado das ações desses homens históricos, colocados sob o plano da ficção.

Massaud Moisés (2001) na sua obra **História da Literatura Brasileira** tece inúmeras críticas a maneira como Teófilo estrutura suas obras. Para o crítico o escritor não produzia obra literária, já que a utilização desenfreada de termos científicos minaria completamente qualquer pretensão ficcionalizante, e sua tendência ao grotesco significava uma tentativa frustrada de compensar sua falta de imaginação criadora. A crítica de Moisés diminui quando analisa **O Paroara**, pois segundo ele neste caso Teófilo teria deixado maior espaço a imaginação, mas ainda com resultados insatisfatórios. Sobre a produção de Teófilo vejamos a interpretação de Alfredo Bosi (1969), no extrato a seguir: “**A fome** (1890), os **Brilhantes** (1895) e **O Paroara** (1899), de Rodolfo Teófilo, livros atulhados do jargão científico do tempo, mas que valem como retorno literário ao pesadelo da seca e da imigração.” (BOSI, 1969, p. 196).

Entendemos a interpretação dos autores citados, mas temos a tendência de perceber nas obras de Teófilo, principalmente em **O Paroara**, o potencial de crítica apresentado pelo autor sobre a situação social destes homens migrantes. Fugindo de uma atribuição de valor estético, procuramos vislumbrar como Teófilo utiliza-se, enquanto sujeito social, de um veículo de transmissão de informações, a obra literária, para deixar explícita sua posição política e expressar seu saber científico. Logo, estes elementos científicos em vez de serem pensados como diminuidores da capacidade ficcional da literatura, nos revelam em que medida este autor, e o conjunto dos que assim também compreendiam a produção literária, levou em consideração os problemas do cotidiano e como projetou uma função social político-ideológica para a mesma, fugindo do caráter de pura fruição estética.

Euclides da Cunha, carioca, militar, engenheiro, correspondente jornalístico, refletiu sobre a Amazônia e suas questões nos trabalhos da Comissão de Exploração do Alto Purus. Este conjunto documental, longe de apresentar a unidade temático-narrativa de **Os Sertões**

(1902), caracteriza-se por ser uma série de ensaios³ que foram enfileiradas em livro, sob o título **À Margem da História** (primeira edição em 1909), antes da morte do escritor. Dentre estes ensaios, o que mais foge do rigor técnico-científico e apresenta-se mais livre no plano da poética e do lirismo é o **Judas Ashverus**, onde o escritor trabalha a ocorrência da Semana-Santa nos seringais. A malhação dos Judas está, no nível simbólico, para além do caráter religioso, mas não descolado dele. A confecção do boneco representaria, para os homem-migrante-seringueiro, uma forma de auto-penitência pelo erro de partir de seus locais de nascimento para buscar riqueza na Amazônia. O indivíduo ligado ao trabalho nos seringais qualificar-se-ia como aquele que traía a um bem maior, seja muitas vezes a família, por “coisas banais” e encontrando, pela sua escolha, dor e sofrimento. Neste sentido sendo repreendido, seja por Cristo que os deixa sofrer (castigo que aceitam), ou pelo Estado que pouco caso faz de sua situação. É a maneira encontrada por eles para demonstrar consciência da situação na qual se encontravam. A promoção da morte de suas almas, naquele dia, a todo ano servia como oferenda para posterior ressurreição, que o permitia por mais um ano renovar o pacto da “auto-escravidão”.

A migração cearense para a Amazônia

Em 1899, Antonio Pinto Nogueira Accioly, então presidente do Ceará, fala sobre o movimento migratório cearense nos seguintes termos:

[...] outras perturbações de nossa economia interna, nenhuma se avanta a essa lastimosa corrente emigratória que, de annos a esta parte, tem se estabelecido, sempre em escala ascendente, para a região amazônica, e a que somos forçados a assistir com a consciência do mal, que nos ocasiona, e com o desespero da carencia dos meios para cortal-a.⁴

Nogueira Accioly, por meio desta fala, deixa explícito sua posição oposicionista em relação à emigração cearense. Chega, inclusive, a destacar que esta detinha um caráter mais negativo para as finanças do Estado do que a própria seca. Justifica, no entanto, a falta de uma atitude com vistas a barrar tal movimentação pela escassez de recursos nos cofres públicos. Neste sentido, dá-se destaque ao papel como mão-de-obra que estes indivíduos desempenhariam, potencial que seria perdido para o local de destino com o embarque, numa

³ Antônio Cândido (2006) entende que o ensaio no século XIX, se definia por uma escrita livre, que ao mesmo tempo em que propunha um rigor científico para os dados apresentados, preocupava-se com a estética da escrita, num misto de ciência e arte. Esta condição explicava-se pela soberania da literatura sobre a ciência no universo de formação destes intelectuais

⁴ Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1899, p. 26. <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>.

indicação que estes homens colocavam-se numa marcha sem retorno.

Ponderemos mais um pouco sobre o que nos diz Accioly. Primeiro, é algo recorrente em interpretações do período destacar que o migrante cearense tinha como objetivo principal acumular recursos financeiros com a extração do látex e posteriormente voltar ao Ceará, com vistas a acender a categoria de pequeno proprietário. Sabemos que este sonho de riqueza pautou-se por ilusões e decepções na grande maioria dos casos, mas não podemos deixar de observar que a saída, para boa parte dos migrantes, prenunciava uma volta, ainda mais pela permanência dos familiares. Segundo, é preciso lembrar que nas relações sociais do período a quantidade de indivíduos postos sob dependência de um único, configurava para este último como marca de seu poder político. Logo, essa saída maciça de homens pobres poderia ocasionar um enfraquecimento desta forma de estruturação sócio-política, o que viria a desestabilizar as bases de apoio da política oligárquica, inclusive para o próprio Accioly.

O governo de Pedro Borges (1901-1904) apresentaria um novo tratamento da questão. O presidente, assim como seu antecessor, no conjunto dos relatórios dá destaque à falta de recursos pelos quais passa o Estado, mas invés de entender a emigração como intensificadora desta situação apresenta-a como meio de minorar a situação desta população que não consegue ser assistida pelo governo. Portanto, posiciona-se enquanto favorável à migração, na medida em que esta se apresenta como único subterfúgio palpável em curto prazo. Nas palavras de Borges:

[...] que não podem remediar com urgência a situação penosa da população advéncia que se acumula na capital, a providência que pode ser tomada, no momento, é facilitar a sua saída, promovendo activamente a emigração para o Amazonas e Pará.⁵

A postura diferenciada explicita que a discussão sobre a migração sempre trazia este caráter ambíguo. Sabia-se que o movimento migratório tinha seus pontos positivos e negativos, e a tomada de adesão a um ou a outro em preponderância significava explicitar quais interesses estava-se a defender, seja do Ceará enquanto estado administrativo, ou o Ceará enquanto entidade que buscava uma identificação cultural coesa. Por esta relação complexa é que entendemos que a migração cearense foi observada e interpretada no período a partir do binômio prisão/ liberdade, onde o sair ou não do Ceará extrapolou o foro da escolha individual, tornando-se questão de toda a sociedade, capaz de explicar, inclusive, o que era o cearense.

⁵ Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1901, p. 28. Disponível em: <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>.

Os favoráveis a emigração expunham-na, como já dissemos, como melhor meio para superar os déficits das finanças públicas. Vislumbravam que o Estado seria incapaz de lidar com as demandas mínimas para manutenção da sobrevivência destes indivíduos, sendo capaz somente de promover o deslocamento deles para outros lugares. Frederico Neves já destacara o quanto esta postura “beneplácita” do Estado mostrava sua face negra. A tentativa de desfazer-se de um problema que não tinha solução imediata explícita que “tudo parece crer que a política de migração para o Norte foi uma estratégia governamental para desafogar os equipamentos urbanos da enorme pressão exercida pelos milhares de retirantes sem tetos, sem alimento, sem saúde” (NEVES, 2000, p. 33).

Devemos entender que a migração enquanto fenômeno social é marcado por duas trajetórias, uma de chegada e outra de saída, logo cada indivíduo inserido neste movimento é um emigrante e imigrante ao mesmo tempo (SAYAD, 1998). Se percebemos uma movimentação de incentivo no Ceará, pólo emigrante, qual a postura dos grupos dirigentes dos estados do Norte, Manaus e Belém? Pela leitura da literatura sobre o tema e no contato com as fontes visualizamos que ação do governo destes estados era favorável a este processo migratório. No relatório de Presidente do Ceará (1901) Pedro Borges se expressa sobre a questão nestes termos: “Neste sentido o benemérito governador do Pará tem já prestado valioso concurso, e a elle dirigi-me solicitando a continuação de tão relevante serviço”⁶.

E como braço estendido deste programa é que entendemos o papel desempenhado pelos **paroaras**. O *paroara* é um emigrante que se destaca de seu grupo e faz a mediação entre patrões e trabalhadores, sendo responsável pela obtenção mais mão-de-obra em seu local de origem. Sua ação estava vinculada ainda as Casas Comerciais, estabelecimentos que controlavam a economia da borracha, desde a colocação de trabalhadores, abastecimentos dos barracões, até a compra e transporte do látex coletado (MORALES, 2002). Por conhecer os elementos característicos e formadores de uma determinada região, os paroaras operavam uma série de signos e símbolos que os permitiam estabelecer as estratégias de convencimento necessárias ao plano da emigração. Não era por outra razão que intelectuais como Antônio Bezerra (2001) dizia que o cearense era o algoz do próprio cearense.

Voltemos ao debate sobre como foi entendida a migração. Para aqueles que se mostravam contrários a migração cearense a solução deveria ser encontrada na permanência,

⁶ Mensagem do Presidente do Estado do Ceará em 1901, p. 28. Disponível em: <<http://WWW.CRL.EDU/CONTEST/PROVODEN.HTM>>. Acesso em: 10 Out. 2009.

já que o processo de fixação do homem na terra, aliada a um trabalho sistemático e racional, permitiria com que a sociedade cearense pudesse ser recuperada da fragilidade imposta pelas sucessivas secas, e logo possibilitaria que o Ceará pudesse ser visto em igualdade no cenário dos demais estados da federação, capaz de gerenciar seus problemas. Serviam-se ainda de um apelo a um espírito de nacionalismo-regionalismo, o amor ao torrão natal, ao qual os indivíduos deveriam estar ligados.

Favorável a perspectiva deste grupo posicionou-se Rodolfo Teófilo. Nos seus inúmeros trabalhos, tanto aqueles de caráter historiográfico como nos romances, é marca permanente a denuncia das mazelas e dificuldades pelas quais passavam a população cearense. Em sua interpretação, tal condição de sofrimento tinha duas fontes bem definíveis: uma de responsabilidade da natureza e a outra sob os auspícios do Estado. Em relação à primeira, Teófilo destaca o papel desempenhado pela composição biológica da população cearense. Partindo das premissas presentes nas teorias deterministas percebe que a ação dos cearenses estava enfeixada pelos caracteres de sua formação. Nesse sentido, dá destaque à composição do cearense a partir do elemento indígena, que dentre outros traços teria ofertado-lhe a tendência a emigração, que seria despertada mediante uma situação limite, como o caso da seca. Partindo disto entende que o cearense é um migrante por natureza. Segundo suas palavras:

O nomadismo da raça vermelha, transmitido por atavismo à população mestiça, a qual constitui talvez quatro quintos dos habitantes do Ceará, é fator principal do despovoamento da terra cearense. Este instinto de vagabundagem inato do mestiço é alimentado por causas secundárias, entre as quais as secas e as irregularidades das estações ocupam o primeiro lugar. (TEÓFILO, 1974, p. 100)

O segundo diz respeito à falta de cuidado por parte do governo com relação à população. Para Teófilo o estado havia negligenciado o bem comum em favor dos interesses individuais de seus líderes. Um crime social para ele ainda maior em virtude das características que a população possuía, já que para o estado poder alcançar uma condição de progresso material e intelectual era necessário a ação de tutoria do governo por meio de suas políticas públicas. O Estado não havia procurado promover ainda uma educação da população, com vistas a mostrar que a ida para a Amazônia significava um cativo, na medida em que estes homens seriam atacados por inúmeras doenças, pelas saudades da família e da terra natal, e teriam que conviver com uma cultura que não os faria sentido, dando-lhe como paga o definhamento do corpo e do espírito.

Tal postura levou a que acabasse comprando uma luta intensa com certos segmentos da sociedade cearense, qualificada na figura de Nogueira Accioly, seu adversário mais destacado. As críticas a essa forma de política que deixa em plano secundário o desenvolvimento do Ceará podem ser melhor observadas no extrato abaixo:

Sobre o Ceará pesa maldição maior do que as secas: é a inércia e má vontade dos homens que dirigem a nação e a falta de patriotismo de nós cearenses. Não amamos a nossa terra como a deveríamos amar. Sacrificamos o bem público aos interesses da politicagem. (TEÓFILO, 1980, p. 32)

Partindo dessas premissas apresentadas acima é que Teófilo constrói uma interpretação sobre o que é o cearense em fins do século XIX. De modo geral, apresenta dois pontos característicos: a) indivíduo que teria um contato íntimo com a inconstância das estações climáticas (exemplificável pela ocorrência de dois anos de seca - 1898 e 1900 - intercaladas por um ano de inverno⁷); b) indivíduo predisposto a um deslocamento contínuo e com dificuldade de assentamento definitivo em lugar certo.

E as condições de vida do cearense pré-migração? Na maioria dos casos, sua posição social era marcada pela exploração do trabalho, sobretudo nas grandes propriedades rurais, vivendo com condições mínimas de subsistência, submetido a regimes de arrendamento da terra (parceria e meação) que lhe impunha todos os gastos e pouquíssimos rendimentos, expondo-o a tratamento humilhante e desumano (BARBOSA, 2000). A atenção despendida pelo Estado a ele era incipiente, sendo tratado muitas vezes como intruso no espaço urbano, a atrapalhar a dinâmica “civilizada”. Então vivia “no fio da navalha”, utilizando-se de inúmeros subterfúgios para sobreviver. Imaginemos quando este pouco era-lhe interdito? Se não podia contar com o núcleo dirigente, que não o via, nem com sua rede de convivência, inscrita na mesma situação, o que poderia fazer? É numa realidade social como esta que a terra natal poderia representar como a prisão a que estava submetido. Aparecia aos seus olhos a possibilidade da emigração, com vistas a mudar esta realidade penosa, a transpor as barreiras do sofrimento em busca da felicidade, a trazer liberdade a um espírito que fora criado para “fazer o futuro pelo trabalho”, que não poderia esperar o desenrolar dos acontecimentos de modo passivo.

Retornando a figura do **paroara** e sua presença na empresa migratória, observamos que seu papel é “acender a fagulha nômade do cearense”, em outras palavras, é demonstrar

⁷Algo a ser constatado a partir da altura do pluviômetro em Fortaleza de 1898 a 1908: **1898-580/ 1899-2.770/ 1900-563/** 1901-1.537/ 1902-851/ 1903-790/ 1904-1.133/ 1905-1.137/ 1906-1.456/ 1907-654/ 1908-1.012 (grifo nosso). Fonte dos dados: TEÓFILO, 1980, pp. 129-130.

que a este pobre era possível vencer na vida a partir de seu trabalho. Por meio de práticas de benevolência na sua estadia na terra natal apresenta/representa ter preocupação maior que os donatários do poder para com estes homens, mostra como estes homens podem tomar o futuro em suas mãos. Novamente nos utilizamos do romance **O Paroara** para pensar esta questão. A chegada e permanência de José Simão (paroara) no romance ajuda-nos a entrever como os **paroaras** agiam no momento da arregimentação dos homens. Pautando-se na rapidez da explicitação da mensagem, apresentavam as maravilhas que todos queriam deliciar pelo afago dos ouvidos e pela estimulação da imaginação. A Amazônia apresentada por estes homens, assim nos afirma Teófilo, era o oposto do Ceará, enquanto neste conhecia-se apenas miséria e sofrimento, naquela tudo tinha a marca da riqueza e da fartura. O narrador condensa a impressão deixada na sensibilidade das personagens da seguinte forma:

A fartura do Amazonas debaixo do ponto de vista da alimentação e mais ainda a diária de vinte mil réis aos maiores preguiçosos, teve um efeito sugestivo tal sobre os homens que ouviram o paroara, que este ao terminar a narrativa, sem lhes dirigir o menor convite já os tinha prontos para seguirem para o Amazonas. (TEÓFILO, 1974, p. 108)

O homem pobre podia assim ter possibilidade de ver reafirmada sua liberdade, a ida para uma terra que oferecia-lhe todas as condições para o crescimento material, restituía-lhe a possibilidade de se auto-gerir, dependendo unicamente de suas forças. Não importava-lhe os interditos que fizessem, as súplicas utilizadas, a decisão firmada não saia da cabeça, “a idéia de adoecer por lá, de morrer mesmo, nem sequer lhes incomodava o espírito” (TEÓFILO, 1974, p. 108) . Não ligava, inclusive, para o caráter falacioso de parte das informações colocadas a sua disposição.

Deste modo, percebemos que a emigração empreendida por estes indivíduos inscreve-se numa tentativa pessoal de obter algo considerado importante não atendido no local de habitação. Assim, por mais que possa ter havido estímulo e facilitação por parte do Estado, a decisão sobre migrar coube a cada uma destes homens, que sabiam o que queriam com esta viagem – mudança.

E o momento do embarque configura-se na primeira das rupturas a que os migrantes são submetidos. Não que o deslocamento com destino ao pólo aglutinador do Estado (leia-se Fortaleza) não traga novas formas de referencia social, sobretudo, no que se refere à estruturação dos papéis a serem desempenhados por estes homens. Mas os relacionamentos intergrupais ainda pautam-se pela premissa da conterraneidade, da origem comum. Mesmo que os migrantes pobres sejam vistos como o outro, invasor do espaço urbano, a marca

carregada do “ser cearense”, sentimento de identidade ainda em processo de construção, e o compartilhamento de determinadas práticas e costumes faziam com que fosse possível uma identificação com o espaço da capital, o que não pode ser visualizado com relação à ocupação da Amazônia.

O embarque, nas interpretações dos escritores com que trabalhamos, apresenta-se como figuração do tipo de tratamento desumano imposto pelo Estado cearense aos migrantes. A falta de estrutura portuária, a ação truculenta dos trabalhadores do porto, a separação de famílias, a superlotação e falta de condições sanitárias dos navios, são alguns dos fatores que levam Euclides e Teófilo a visualizarem que o objetivo único do Estado consistia na expatriação deste grupo, sem haver a pretensão de realizar gastos públicos para a assistência destes indivíduos, abandonando-os, logo, a própria sorte. Assim expressa Euclides sobre o fato:

Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agigantados consignados à morte. Mandavam-no para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido [...]. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até os nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem... (CUNHA, 1967, p. 49)

Mas se há a condenação da forma de emigração impostas aos cearenses, ao mesmo tempo destaca-se a positividade desta migração. Tanto para Euclides quanto para Teófilo a presença do cearense no espaço amazônico pauta-se numa positividade, sobremaneira ligada a sua capacidade de adaptação as condições climáticas da região. Nos discursos de ambos está presente a ideia do sertanejo como um forte, aquele capaz de superar as adversidades devido aos caracteres, obtidos hereditariamente, no contato com a natureza. Observa-se, portanto, que a explicação de um “sucesso cearense” na realização da tarefa exploratória e de ocupação da Amazônia, para os escritores, pauta-se na existência de um processo de seleção natural, que inviabilizaria a possibilidade de instalação de outros indivíduos-tipos, não possuidores dos elementos exigidos pelo ambiente natural, justificando a não utilização de mão-de-obra proveniente de outros espaços, inclusive aquela branca proveniente da Europa, tão presente na região centro-sul do país. Nas palavras de Teófilo:

O povoamento do Amazonas só podia ter sido feito, como foi, pelo caboclo cearense, cujo organismo resistia às moléstias daquela insalubre região e cujo espírito, impregnado de grosseiro fatalismo, era indiferente às

constantes e numerosas perdas de vida, porque estava convencido de que o homem tem fixa a data de sua morte. (TEÓFILO, 1980, p. 73)

Para Euclides:

E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronta sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que as povoam talham-se pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos revezes, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, e triunfos na campanha formidável. (CUNHA, 1967, p. 44)

Analisando os extratos acima observemos ainda a referencia ao trabalho executado pelos migrantes na Amazônia. Euclides da Cunha apresenta que um dos fatores que permitiram a ocupação da Amazônia foi a concentração da exploração econômica no extrativismo vegetal, destacadamente da **hevea brasiliensis** (seringueira). Deste modo, a atividade a ser desempenhada por estes homens estava ligada a sua inserção nos seringais e na extração do látex. Tal caracterização da relação migrante cearense/seringueiro encontra-se também na produção de Rodolfo Teófilo, quando em **O Pároara** narra a ida de João das Neves e companheiros para um seringal amazônico.

Essa perspectiva de associação direta migrante-seringueiro vem passando por revisões historiográficas nos últimos anos, com vistas a perceber outros papéis desempenhados por estes indivíduos. Historiadores como Franciane Lacerda (2006) e Francivaldo Nunes (1999) discutiram a inserção dos migrantes em colônias agrícolas ao redor de Belém e sua permanência no espaço da capital, explicitando, deste modo, que mesmo dependentes do aparato econômico construído em torno da borracha, exerciam variadas atividades.

Todavia, devemos entender este posicionamento de Euclides e Teófilo enquanto elemento de afirmação do grande espaço ocupado no imaginário social por esta realidade do seringal, seja nas condições de exaltação ou de condenação, permitindo-nos vislumbrar como a sociedade pensava a Amazônia apenas mediante esta imagem.

Ainda tendo em destaque a relação entre homem-natureza podemos perceber como os autores compreendem o que seria uma atuação negativa dos migrantes. Tomemos como ponto norteador, para tanto, a produção de Euclides. O escritor considera a ação depredatória dos migrantes sobre dois termos. O primeiro, esta ligada a invasão do espaço amazônico, que na sua interpretação ainda estava passando por transformações estruturais, visto que sua formação geológica seria uma das mais recentes do mundo, e que, portanto, não demonstrava,

por tal, todas as suas possibilidades desenvolvidas, sobretudo aquelas ligadas à agricultura. Sobre isso nos expõe no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), quando narra a deslumbramento ante a grandiosidade da Amazônia: “[...] naquele excesso de céus por cima de um excesso de água, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis” (CUNHA, 1966, p. 205). O segundo refere-se ao tratamento que os homens dispunham com relação aos rios. Para Euclides a não retirada de raízes e paus que obstruíam as passagens, demonstravam o caráter imprevidente destes homens “que não cuidavam do seu próprio quintal”. Esse tratamento racional da natureza foi visto por muitos como rudimentos de um ecologismo já presente na narrativa euclidiana (SANTANA, 2001).

Pensando na contrapartida desta relação entre indivíduo e espaço, o que fazia o meio ao homem? Sobre esta questão Teófilo apresenta em **O Paroara** como João das Neves, herói/anti-herói do romance, logo após sua chegada ao seringal, começa a sentir as conseqüências da escolha feita, que consistem tanto num abatimento físico, causado pelo impudismo, quanto num abatimento moral gerado pelo abandono da família. Ao crescer nele o desejo de partir, de retornar ao bem que deixou, como expresso no pensamento: “Felizes os que diziam aqueles lugares de suplício o derradeiro adeus” (TEÓFILO, 1974, p. 168), confirma todos interditos colocados pelo narrador ao longo do romance, tornando prova factível das privações e sofrimento da expatriação para a Amazônia. Euclides da Cunha, no ensaio **Um Clima Caluniado**, expressa o abatimento causados pelo trabalho repetitivos nos seringais na esperanças destes migrantes em fazer fortuna na Amazônia, na medida em que as suas expectativas não se realizavam

Nesta empreza de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – parindo, chegando, partindo – nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos – se não o enrija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebatarem àquele lance, à ventura, em busca da fortuna.(CUNHA, 1967, p. 52)

O imigrante arrependido torna-se a tônica síntese para ambos Nesta medida, apresentam que a imigração tornou-se símbolo de prisão, de ruptura com as esperanças de um futuro melhor, a marca mais profunda do Inferno Verde que tudo consome, a floresta verde transfigurada na selva das tristezas.

E para aprofundar o quadro em questão Euclides, no ensaio **Judas Ashverus**,

apresenta o ritual de renovação da “eterna sexta-feira santa” e a criação do boneco de Judas, que ao errar pelos rios da Amazônia promove uma denúncia muda do processo de exploração sofrida e do arrependimento sentido pelo migrante. A apresentação da autoconsciência do “cativeiro”, por parte destes indivíduos, para Euclides, indica que compreendiam perfeitamente as conseqüências da escolha que fizeram, e que somente a eles próprios culpavam por tal. Não seria responsabilidade do governo que os esqueceram, nem da propaganda falaciosa que o haviam feito, mas sim de seu egoísmo que o induzira a perda do seu bem mais precioso, a liberdade

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito a sua imagem. Vingasse de si mesmo: pune-se afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-a cada vez mais ao plano inferior da vida recaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. (CUNHA, 1967, p. 76)

Tal construção imagética empreendida por Euclides permite-nos antever sua marca de desconfiança para com os rumos tomados pela República e o ideal de progresso projetado. As figurações construídas por ele do seringal como círculo infernal da modernidade e do Judas Ashverus como expressão maior da exploração, permitem perceber um projeto literário que se preocupava com a exposição das contradições e limites das sociedades e dos homens. Tal captação não se faria, todavia, pelo caminho exclusivo da ciência, já que esta não daria atenção aos elementos da fantasia e do sonho, exigindo, portanto, um consórcio entre arte e ciência, que permitisse à linguagem da modernidade observar o real a partir da representação simbólica (HARDMAN, 2009).

Assim como Euclides, Teófilo apresenta este caráter de descrença com os rumos tomados pelas políticas de governo, deixando uma vez mais explícita que a intenção de sua produção literária era produzir uma crítica aos desmandos dos homens de Estado, como trazido no extrato abaixo:

Eu havia sido inimigo da emigração e tão inimigo que escrevi um livro – O Paroara -, no qual combatia a emigração como uma grande desgraça. Naquele tempo eu era ainda um crente e tinha a infantilidade de pensar que poderíamos ter governos que tomassem a sério o problema da seca. As medidas tomadas pelo presidente da República, até agora, tem sido tardias e incompletas. (TEÓFILO, 1980, p. 68)

Observemos, logo, um ponto de separação entre os escritores. Euclides defendeu a preponderância da consciência destes homens quanto às suas ações. O arrependimento não

tirava a responsabilidade de uma escolha que se apresentou como decepcionante, na medida em que tinham vislumbrado esta migração como maneira propícia para manutenção de sua vida. Já Rodolfo Teófilo, mesmo observando que as péssimas condições sociais no Ceará apareciam como importante fator de saída de indivíduos pobres, enfatiza o quanto foi decisiva a ação propagandista dos **paroaras**. Sendo que, para ele, o papel desempenhado por estes últimos caracterizar-se-ia como um contra-senso fundamental, visto que desestruturava as relações entre conterrâneos, ou seja, o cearense que entrega o próprio irmão, e minava as perspectivas de efetivação de um projeto de cearensidade.

Tal distinção pode-se explicar pelo tipo de teoria científicista que tomaram como base de seus trabalhos. Como nos lembra Lilian Schwarcz (1993), a recepção das teorias científicistas européias fez-se, sobretudo, pelo amálgama de perspectivas diversas. A autora destaca dois modelos explicativos básicos: um que levava em consideração o indivíduo e sua responsabilidade pessoal (evolucionista), e outro pensava o indivíduo submetido às características biológicas de um grupo (darwinista) (SCHWARCZ, 1993, 14). Os dois autores procederam no sentido de apresentar cada uma destas formas de análise como principal, sendo Euclides ao expressar a gerencia do indivíduo sobre a sua movimentação e Teófilo pensando que esta migração ligava-se as características do ser cearense: propensão ao deslocamento contínuo e incapacidade de fixação em um lugar por muito tempo. O que não impede que a produção de ambos tenha como fundo geracional a noção de que ao país era necessário atingir um grau de desenvolvimento maior, com uma extensão do alcance social da ciência. Para Euclides o consórcio entre ciência e arte e para Teófilo a função de espelhamento da realidade que a obra de arte deveria ter.

Fica claro, a partir da análise comparada entre Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, que ambos propuseram-se a empreender uma observação crítica das questões do seu cotidiano, chegando mesmo a estabelecer fortes atritos com os poderes estabelecidos. Suas obras, projetando-se como missão, tornaram-se marcos dos trabalhos sociais que buscaram olhar o Brasil além do que lhes era permitido ver.

Referências

Fontes

CUNHA, Euclides da. Discurso de Posse na ABL. In: Referência: CUNHA, Euclides da; FREYRE, Gilberto; PEIXOTO, Afrânio; ANDRADE, Olimpio de Sousa; BANDEIRA, Manuel. **Obra completa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jose Aguilar Editora, 1966, p. 205.

_____. **À Margem da História**. SP: Lello Brasileiro, 1967.

TEÓFILO, Rodolfo. **O Paroara**: romance. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1974.

_____. **A Seca de 1915**. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

Bibliografia

BARBOSA, Ivone. **Sertão um Lugar Incomum**: O sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

BEZERRA, Antônio. **O Ceará e os cearenses**. Edição fac-sim. – Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. RJ: Ouro sobre Azul, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hiléia**: a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1870**: programa, mito e realidade. RJ: Paz e Terra, 1990.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Tese (Doutorado) em História Social. Universidade de São Paulo, 2006.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. (vol. II – Realismo e Simbolismo). 5ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORALES, Lúcia Arraes. **Vai e vem, vira e volta**: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002, pp. 22-82.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História**: saques e outras ações de massa no Ceará. Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

NUNES Francivaldo Alves. **A trajetória do imigrante nordestino na cidade de Belém (1877-1889)**. Belém: Monografia de Conclusão de Curso (História), Universidade Federal do Pará, 1999.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e Arte**: Euclides da Cunha e as ciências naturais. São Paulo: Hucitec – Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio de Pierre Bourdieu; Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

Recebido em 05 de fevereiro de 2014

Aprovado em 05 de maio de 2014